

## Americana transplantada faz do alpinismo militância pela doação de órgãos

Renato Grandelle



RIO - Quando venceu pela segunda vez os 4.421 metros do Monte Whitney, a mais alta da porção ocidental dos EUA, a analista de crédito Kelly Perkins entrou na História. Centenas de pessoas já chegaram ao pico daquela montanha, mas Kelly foi a única a cumprir o feito com dois corações.

Conhecer os cumes do mundo era um sonho da americana, um hobby praticado ainda timidamente. De uns anos para cá, tornou-se uma missão. A ponto de Kelly e seu marido, Craig, terem criado a Fundação Moving Hearts (em uma tradução livre, "Movendo corações"), que se dedica a incentivar doações de sangue e órgãos.

A transformação do alpinismo em militância começou 18 anos atrás, quando Kelly descobriu ter cardiomiopatia idiopática - uma doença de origem desconhecida que enfraquece o músculo cardíaco, impedindo-o de bombear normalmente o sangue. O coração da analista ainda resistiu três anos antes de finalmente ceder. Kelly estava condenada à morte. Só não cumpriu este destino porque recebeu um transplante.

Não é uma troca simples. Kelly teve dificuldade para se readaptar ao trabalho. Qualquer atividade tirava seu fôlego. Com a cirurgia, o coração fica denervado (não é mais estimulado por nervos). As respostas ao esforço são mais lentas, e ela parece fora de forma, mesmo diante de tarefas que cumpriria com facilidade.

- Meu coração é como um motor de carro sem arranque - compara. - O corpo corre atrás de uma resposta e libera adrenalina. Assim, os batimentos cardíacos aumentam e conseguem se acomodar ao meu esforço. É eficiente, mas nada rápido.

E o que faz uma pessoa com esta limitação escalar montanhas? A própria Kelly responde: justamente a vontade de sentir-se como antes.

- A adversidade foi o catalisador - admite. - A experiência de ter um novo coração arrancou qualquer reserva que eu tinha de procurar por estes desafios. Não me permito desculpas. Tenho que aproveitar a saúde e o tempo disponíveis. Escalar me distancia da minha fragilidade. Parece que estou fora de mim, vivendo o que eu gostaria de ser.

A alpinista, é claro, não se envolve em missões suicidas. Estuda cada montanha, e sobe-as apenas se acompanhada por profissionais. Ainda assim, não é um peso para a equipe: tem responsabilidades semelhantes a todo o grupo durante a escalada.

Kelly não se preocupa apenas com os maiores picos; mais importante do que a altura é o que simbolizam. Quem pauta os próximos desafios, portanto, são as circunstâncias.

- As escaladas são plataformas para a doação de órgãos - explica. - Em 1998 escalamos o Monte Fuji, o mais sagrado do Japão, para comemorar a legalização do transplante de coração. Antes disso, a morte cerebral sequer era reconhecida.

Três anos depois, foi a vez de encostar no teto da África. Kelly subiu os 5.895 metros do Monte Kilimanjaro, o mais alto daquele continente, para lembrar os progressos médicos obtidos desde o primeiro transplante de coração, realizado em 1967.

- O receptor viveu só 18 dias, e passou todo o tempo em uma cama de hospital. Eu tinha feito meu transplante há seis anos (quando subiu o Kilimanjaro) e já escalava montanhas por aí - compara. - É um avanço impressionante e que precisa ser destacado.



São, em média, dois grandes desafios por ano - o suficiente para Kelly ter convicção de que, hoje, é mais forte do que antes do transplante. Nem sempre, no entanto, as investidas terminam como o previsto. Dois meses atrás, sua equipe foi forçada a desistir da escalada ao Monte Quênia, na África, quando estava a apenas 322 metros do topo.

- Havíamos planejado gastar mais um dia na escalada ao cume, mas o clima deixou a rota muito instável e cheia de pedras soltas. Precisaríamos de um prazo maior - conta. - O momento em que tomamos a decisão de desistir foi uma combinação de alívio, pois estávamos congelados e exaustos, com uma boa dose de decepção.

Embora admita o desapontamento, Kelly garante não ficar abatida. Segundo a alpinista, chegar ao cume não é o único propósito. O desafio de enfrentar viagens como estas começa ainda longe das montanhas. E ela mantém os curiosos informados sobre todas as etapas em seu site e nas redes sociais. A legião de amigos no Facebook inclui até a filha da mulher que lhe deu o novo coração.

- Doação de órgãos em 2010 é assim - brinca Kelly. - Minha doadora era mais velha que eu e tinha exatamente meu peso e altura. Sinto que tenho um compromisso com ela. Este coração poderia ter ido para qualquer um, então quero fazer que tenha valido a pena ele vir para mim. Tento honrar ao máximo esta doação vivendo sem estresse, com saúde, sendo positiva.

A determinação da americana surpreende Lígia Schtruk, imunologista do Serviço de Transplante do Instituto Nacional de Cardiologia, no Rio.

- Não existem limitações de exercícios físicos para uma pessoa que recebeu um transplante de coração. Mas, se este receptor sofrer um arranhão ou um corte, ele está sujeito a uma infecção grave - alerta. - A Kelly se arrisca muito, é um caso impressionante. Ela também precisa tomar cuidado com sua exposição a alimentos ou água contaminada em lugares remotos.

Kelly, hoje com 48 anos, está disposta a continuar rompendo seus limites. Contou parte de suas aventuras na autobiografia "The climb of my life - Scaling mountains with a borrowed heart" (em tradução livre, "A escalada da minha vida - Subindo montanhas com um coração emprestado", ainda não lançado no Brasil). Tudo indica que o livro, lançado em 2007, terá de ser atualizado. Afinal, a autora se recusa a prever quando vai pendurar as botas de alpinista. Promete subir montanhas "até quando o corpo permitir" - e, garante, ainda pode render muito.

Nos próximos anos, Kelly quer dedicar-se à sua fundação em tempo integral (o que ainda não é possível, dada a lenta recuperação americana à crise econômica). A vida dela também será narrada no documentário "One person, two hearts, three perspectives" ("Uma pessoa, dois corações, três perspectivas"), ainda em produção. Com a divulgação de suas ações, inclusive na telona, a americana pretende facilitar a vida dos mais de 105 mil compatriotas que aguardam por um transplante. E que venha a próxima montanha.